CADERNOS AH!

#19

DUAS NOTAS SOBRE O FIM DO MUNDO

HANS MAGNUS ENZENSBERGER

Duas Notas sobre o Fim do Mundo
Hans Magnus Enzensberger

Tradução: Fernando Ramalho
Paginação: Fernando Ramalho
Origem do texto: Hans Magnus Enzensberger, «Two Notes on the End of the World», *New Left Review*, vol. 0, n. 110, Jul.-Ago. 1978, trad. David Fernbach
Imagem da capa: www.laboratoripoesia.it/hans-magnus-enzensberger/

Hans Magnus Enzensberger (1929-2022) foi um poeta e ensaísta alemão.

Outubro de 2024

www.muralsonoro.com
muralsonoro.info@gmail.com

I

O apocalipse faz parte do nosso repertório ideológico. É um afrodisíaco. Um pesadelo. Uma mercadoria como qualquer outra. Podemos vê-lo como metáfora para o colapso do capitalismo, iminente, como toda a gente sabe, desde há mais de um século. Damos com ele nas mais diversas formas e feitios: alerta e previsão científica, ficção colectiva e grito de guerra sectário, produto da indústria do entretenimento, superstição, mitologia vulgar, enigma, impulso, piada, projecção. Está sempre presente, ainda que não seja «real»: é uma segunda realidade, uma imagem que construímos para

nós próprios, um produto incessante da nossa imaginação, a catástrofe na mente.

Tudo isso e muito mais, ou não se tratasse de uma das ideias mais antigas da espécie humana. Todos os enormes volumes que poderiam ter sido escritos sobre as suas origens foram, como é evidente, efectivamente escritos. Também sabemos várias coisas sobre a sua acidentada história, os seus fluxos e refluxos periódicos, e sobre como essas flutuações se ligam com o processo material da história. A ideia do apocalipse acompanhou o pensamento utópico desde o seu primeiro momento, perseguindo-o como uma sombra, como um reverso que não pode ser descartado: sem catástrofe não há milénio, sem apocalipse não há paraíso. A ideia do fim do mundo é simplesmente uma utopia negativa.

Mas já nem o fim do mundo é o que era. O filme que hoje passa nas nossas cabeças, e ainda mais livremente no nosso inconsciente, é em muitos aspectos distinto dos sonhos de outrora. Nas suas formulações tradicionais, o apocalipse era uma ideia venerável, até sagrada. Mas a catástrofe com que estamos tão preocupados (ou melhor, que nos assombra) é um fenómeno totalmente secularizado. Lemos os seus sinais grosseiramente grafitados da noite para o dia nas paredes dos edifícios ou nas impressões cuspidas pelos computadores. O nosso bicho-de-sete-cabeças responde a muitos nomes: estado policial, paranóia, burocracia, terror, crise económica, corrida ao armamento, destruição do meio ambiente. Os seus quatro cavaleiros parecem heróis do faroeste a vender cigarros, enquanto as trombetas que proclamam o fim do mundo servem de banda sonora a um intervalo para compromissos comerciais. Dantes, as pessoas viam no apocalipse a mão vingadora e incognoscível de Deus. Hoje aparece como o produto metodicamente calculado das nossas próprias acções, e aos espíritos a quem atribuímos a sua vinda chamamos comunistas, xeques do petróleo, terroristas, multinacionais, gnomos de Zurique e frankensteins dos laboratórios de biologia, óvnis e bombas de neutrões, demónios do Kremlin ou do Pentágono: um submundo de conspirações e maquinações inimagináveis, cujos cordelinhos são puxados pelos cretinos todo-poderosos das polícias secretas.

O apocalipse também já foi um evento único, aguardado sem aviso prévio, como um raio no céu azul: um momento impensável que apenas videntes e profetas poderiam antecipar — sendo que, claro, ninguém queria dar ouvidos aos seus avisos e previsões. O nosso fim do mundo, por outro lado, é cantado até pelos pardais nos beirais. O elemento-surpresa está ausente. Tudo parece ser apenas uma questão de tempo. O desastre que imaginamos para nós próprios é insidioso e a sua aproximação é angustiantemente demora-

da. O apocalipse chega em câmara lenta. Faz lembrar aquele antigo clássico vanguardista do cinema mudo em que uma enorme chaminé de fábrica se racha ao meio e se desmorona silenciosamente, durante uns longos vinte minutos, enquanto os espectadores, num indolente conforto, se recostam nos seus cadeirões de veludo gasto e trincam pipocas e amendoins. No final, um futurólogo sobe ao palco. Parece uma imitação barata do Dr. Estranhoamor, o cientista louco, mas repulsivamente gordo. Informa-nos, com muita calma, que a camada de ozono atmosférico desaparecerá em vinte anos, pelo que seremos literalmente torrados pela radiação cósmica, isto se tivermos a sorte de sobreviver até lá; que substâncias desconhecidas no leite que bebemos estão a levar-nos à psicose; e que, com a taxa de crescimento da população mundial, em breve só haverá lugar em pé no nosso planeta. Tudo isto com um charuto cubano na mão e um discurso bem estruturado e com uma lógica impecável. A plateia reprime um bocejo, embora, segundo o professor, o desastre esteja iminente. Mas não acontecerá esta tarde. Hoje tudo continuará como antes, talvez um pouco pior do que na semana passada, mas não o suficiente para que alguém o perceba. Se, o que é sempre uma possibilidade, um ou outro de nós ficar um pouco deprimido esta tarde, pode consolá-lo a ideia de que, independentemente de trabalhar no Pentágono ou no submundo, a cuidar da roupa ou a soldar chapas de metal, tudo seria realmente mais fácil se nos livrássemos do problema de uma vez por todas, ou seja, se a catástrofe realmente viesse. Isso está, porém, fora de questão. A finalidade, que antes era um dos principais atributos do apocalipse, e uma das razões de seu poder de atracção, já não nos é garantida.

Também se perdeu um outro aspecto tradicional do fim do mundo. Havia um consenso geral de que o evento afectaria todos em simultâneo e sem excepção: a eterna consigna da igualdade e da justiça ganhava com essa concepção o seu último fôlego. Mas, como hoje se vê, o desastre já não é um nivelador. Muito pelo contrário, varia de país para país, de classe para classe, de lugar para lugar. Ao mesmo tempo que atinge já alguns, os outros podem vê-lo na televisão. Constroem-se *bunkers*, cercam-se guetos, erguem-se fortalezas, contratam-se seguranças pessoais, todo isto da pequena à grande escala. Tal como uma casa de campo equipada com alarmes e vedações eléctricas, há países inteiros que se cercam enquanto outros se arruínam. O pesadelo do fim do mundo não anula essa disparidade temporal, apenas a radicaliza. As suas versões de África ou da Índia são ignoradas com um encolher de ombros pelos que não são directamente afectados — incluindo os próprios governos africanos e

indianos. Chegados por fim a este ponto, a piada já perdeu a sua graça.

II

Berlim, Primavera de 1978

Caro Balthasar,

Quando escrevi o meu comentário sobre o apocalipse — um trabalho, devo confessar, não particularmente aprofundado ou sério — ainda não estava a par de que o meu amigo também andava preocupado com o futuro. Quando falámos ao telefone, queixou-se de que «de facto, não estava a conseguir chegar a lugar nenhum». Aquilo soou como um pedido de ajuda. Conheço-o suficientemente bem para compreender o seu dilema. Hoje em dia, só os tecnocratas conseguem avançar em direcção ao ano dois mil com optimismo, com o instinto infalível dos lemingues. E você não é um tecnocrata. Pelo contrário, é uma alma fiel, sempre pronta a alinhar sob a bandeira da utopia. O que você quer, a tudo o custo, é manter firme o princípio da esperança. Você deseja o nosso bem: ou seja, não apenas o seu ou o meu, mas o de toda a humanidade.

Peço-lhe que não se zangue se isto soa irónico. A culpa não é minha. Sei que esperaria que eu corresse em seu auxílio. A minha carta, nesse aspecto, será decepcionante, e talvez até sinta que estou a atacá-lo pelas costas. Não é essa a minha intenção. O que pretendo é propor que consideremos as coisas sem constrangimentos.

A força teórica da esquerda, nas suas mais diversas matizes, de Babeuf a Ernst Bloch, ou seja, ao longo de mais de um século e meio, residia na circunstância de assentar numa utopia positiva que não tinha equivalente no mundo existente. Socialistas, comunistas e anarquistas partilhavam a convicção de que a sua luta introduziria o reino da liberdade num período de tempo previsível. Eles «sabiam exactamente para onde queriam ir e exactamente o que, com a ajuda da história, da estratégia e do esforço, deveriam ou precisavam de fazer para lá chegar. Agora já não sabem». Li estas palavras lapidares recentemente num artigo do historiador inglês Eric Hobsbawm. Mas este velho comunista não se esquece de acrescentar que «neste aspecto, não estão sozinhos. Os capitalistas estão tão perdidos quanto os socialistas na compreensão do seu futuro, e igualmente perplexos com o fracasso dos seus teóricos e profetas.

Hobsbawm está absolutamente correcto. A insuficiência ideológica existe nos dois lados. Porém, o desapa-

recimento das certezas sobre o futuro é desequilibrado. É muito mais difícil de suportar para a esquerda do que para os que nunca quiseram outra coisa senão agarrar-se, a qualquer custo, a algum pedaço do seu próprio poder e privilégios. É por isso que a esquerda, incluindo você, caro Balthasar, se entrega a queixinhas e rabugices.

Já ninguém está em posição, diz você, de apresentar uma ideia positiva que vá além do horizonte do actual estado de coisas. Em vez disso, a falsa consciência está em roda livre. O palco está dominado pela apostasia e pela confusão. Lembro-me da nossa última conversa sobre o «novo irracionalismo», os seus lamentos sobre a resignação que vê em todo o lado ou as suas tiradas contra os fatalistas levianos, os pessimistas descarados e os apóstolos do derrotismo. Tentarei não contradizê-lo aqui. Mas pergunto-me se algo não lhe terá escapado no meio disto tudo: o facto de que, nessas expressões e humores, está precisamente o que você procura — uma ideia que vá além dos limites da nossa existência presente. Em última análise, o mundo não chegou certamente ao fim (ou não poderíamos falar sobre ele), e não me chegou, até ver, qualquer prova conclusiva de que um evento desse tipo esteja para ocorrer num momento claramente identificável no tempo. A conclusão que retiro disso é que estamos confrontados com uma utopia, ainda que negativa.

E defendo ainda que, pelas razões históricas que mencionei, a teoria de esquerda não está particularmente bem equipada para lidar com esse tipo de utopia.

As suas reacções são apenas mais uma prova da minha suposição. A primeira estrofe da sua canção, em que lamenta a situação intelectual predominante, é prontamente seguida pela segunda, na qual enumera os bodes expiatórios. Para um veterano da teoria como você, não é difícil apontar os culpados: o adversário ideológico, os agentes do anticomunismo, a manipulação dos meios de comunicação de massas. Os seus argumentos não são, de modo algum, novos para mim. Recordam-me um ensaio que me chamou a atenção há uns anos. O autor, um marxista norte-americano chamado H. C. Greisman, chegou à conclusão de que «as imagens de declínio, tão caras aos *media*, são projectadas para hipnotizar e entorpecer as massas, de tal forma que elas passam a ver qualquer esperança na revolução como algo sem sentido».

O que é notável nessa proposição é, desde logo, o seu carácter essencialmente defensivo. Ao longo de um século, convicta que estava do seu terreno, a teoria marxista clássica argumentava exactamente em sentido oposto. Não via as imagens de catástrofe e de desgraça da época simplesmente como mentiras inventadas por conspiradores e espalhadas entre o povo, mas procurava explicá-las em termos sociais,

como representações simbólicas de um processo totalmente real. Nos anos 1920, para citar apenas um exemplo, a esquerda via a atracção que a metafísica histórica de Spengler exercia sobre a intelectualidade burguesa exactamente dessa forma: *O Declínio do Ocidente* não era, na realidade, mais do que o colapso iminente do capitalismo.

Hoje, pelo contrário, alguém como você já não vê confirmadas as suas visões pela fantasia apocalíptica. Sente-se, sim, ameaçado, e reage com *slogans* desesperados e gestos defensivos. Para ser totalmente franco, caro Balthasar, parece-me que o resultado dessa postura é profundamente lamentável. Não quero com isso acusá-lo simplesmente de falsidade. Você, evidentemente, não deixa de recorrer ao caminho já experimentado da crítica ideológica. E é muito fácil mostrar que a ascensão e a queda dos humores utópicos e apocalípticos na história correspondem às condições políticas, sociais e económicas da época. Também é inquestionável a sua exploração política, assim como qualquer outra fantasia que exista em larga escala. Como pode imaginar, não precisa de me ensinar o bê-á-bá. Sei tão bem como você que a fantasia de destruição sempre sugere o desejo por uma salvação milagrosa. E é igualmente claro para mim que o salvador bonapartista, na forma da ditadura militar e do golpe de direita, está sempre à espreita. Quando se trata de so-

brevivência, sempre houve pessoas dispostas a confiar num homem forte. Tão-pouco me surpreende que entre os que, nos últimos anos, mais ou menos explicitamente, clamaram por um se contem tanto um liberal quanto um estalinista: o sociólogo norte-americano Hellbroner e o filósofo alemão Harich. Também é indiscutível que a metáfora apocalíptica promete um alívio do pensamento analítico, uma vez que tende a enfiar tudo no mesmo saco. Seja o conflito no Médio Oriente seja uma greve dos serviços postais, o estilo *punk* ou um desastre numa central nuclear, tudo é concebido como um sinal oculto de uma totalidade imaginária: catástrofe «em geral». A tendência para uma generalização apressada prejudica aquela capacidade residual de pensamento claro que ainda nos resta. Nesse sentido, o sentimento de desgraça conduz, com efeito, apenas à mistificação. É evidente que o novo irracionalismo que tanto o incomoda não pode, de modo algum, resolver os problemas reais. Pelo contrário, faz com que pareçam insolúveis.

Tudo isto é facílimo de dizer, mas não ajuda muito. Você procura combater as fantasias de destruição com citações dos clássicos. Mas essas vitórias retóricas, caro Balthasar, fazem lembrar as façanhas heróicas do barão de Münchhausen. Tal como ele, você quer alcançar o seu objectivo sozinho e sem medo. E, para não se desviar da linha recta e

justa, também está pronto, se necessário, para voar sentado em cima de uma bala de canhão.

Mas o futuro não é um cenário para super-heróis, nem a crítica ideológica é uma bala de canhão. Caberá aos futurologistas imitarem as bravatas de um velho soldadinho de chumbo. O futuro que você tem em mente está longe de ser um objecto da ciência. É algo que só existe na fantasia social, mobilizado sobretudo pelo inconsciente. Daí o poder que têm essas imagens que todos nós produzimos, noite e dia: não apenas com a cabeça, mas com o corpo inteiro. Os nossos sonhos colectivos de medo e desejo pesam pelo menos tanto, senão mais, do que as nossas teorias e análises.

A verdadeira evidência do desgaste da crítica ideológica tradicional é que tudo isto lhe passa ao lado. Será que não entende que a crítica ideológica deixou há muito de explicar as coisas que não se encaixam nos nossos esquemas e mais não faz do que apresentá-las como assuntos-tabu? Sem que nos tenhamos apercebido, assumiu o papel de cão de guarda. Ao lado da censura estatal dos oficiais da lei e da ordem estão agora os farmacêuticos de serviço da esquerda nas ciências sociais e humanas, procurando pacificar-nos com os seus tranquilizantes. As suas máximas são: 1) nunca conceder nada; 2) reduzir o desconhecido ao familiar; 3) pensar sempre apenas com a cabeça; e 4) o inconsciente deve fazer o que lhe mandam.

A arrogância desses exorcistas académicos é superada apenas pela sua impotência. Parecem não conseguir entender que os mitos não podem ser refutados por comunicações em seminários e que o modo como tentam combater ideias tem um alcance muito curto. Que adianta para eles, por exemplo, e de que serve para nós, se, pela enésima vez, declaram inadmissível e reaccionária qualquer comparação entre processos naturais e sociais? O poder elementar da fantasia ensina milhões de pessoas a quebrar constantemente essa proibição. Os nossos ideólogos já só conseguem inspirar um sorriso quando tentam dissimular tão indeléveis imagens como o fogo, o terremoto e o furacão. Além disso, há entre os cientistas naturais quem se encontre em posição de elaborar fantasias desse tipo nos seus próprios termos e de as tornar produtivas em vez de as banir: matemáticos que esboçam uma teoria topográfica de catástrofes ou bioquímicos com ideias sobre certas analogias entre a evolução biológica e social. Podemos esperar sentados que apareça o primeiro sociólogo que entenda que, num sentido ainda por decifrar, já não existe algo que possamos designar como catástrofe puramente natural.

Em vez disso, os nossos teóricos, presos às tradições filosóficas do idealismo alemão, continuam a recusar admitir o que qualquer simples curioso compreendeu há muito: que

não existe um espírito do mundo; que não conhecemos as leis da história; que até mesmo a luta de classes é um processo «indígena» que nenhuma vanguarda pode planear e liderar conscientemente; que a evolução social, e o mesmo se dirá da evolução natural, não tem sujeito e é, por conseguinte, imprevisível; que, então, quando agimos politicamente, não somos nunca capazes de pôr em prática o que tínhamos em mente, mas sim algo totalmente diferente e inimaginável *a priori*; e que a crise de todas as utopias positivas radica justamente aí. Os projectos do século XIX foram, sem excepção, completamente desacreditados pela história do século XX. No ensaio que mencionei, Eric Hobsbawm relembra um congresso dos anarquistas espanhóis em 1898 onde foi esboçado um quadro glorioso para a vida após a vitória da revolução: um mundo de enormes edifícios brilhantes com elevadores, para poupar as pessoas ao esforço de subir escadas, luz eléctrica para todos, trituradores de lixo e maravilhosos aparelhos domésticos… Essa visão da humanidade, apresentada com um *pathos* messiânico, parece-nos agora estranhamente familiar: em muitas zonas das nossas cidades, isso é já uma realidade. Há vitórias que dificilmente se distinguem das derrotas. Ninguém se sente confortável ao recordar a promessa que, há sessenta anos, trazia a Revolução de Outubro: assim que os capitalistas fossem expulsos da

Rússia, um futuro brilhante, sem exploração nem opressão, nasceria para os trabalhadores e os camponeses…

Ainda aí está, Balthasar? Está a ouvir? A minha carta está a chegar ao fim. Perdoe-me se ficou um pouco longa e se as minhas formulações tomaram um tom de gozo. Não fui eu que o introduzi. Trata-se de uma espécie de gozo objectivo, histórico, e o riso, para o bem e para o mal, sempre recai sobre o lado perdedor. Temos, todos nós, de suportá-lo juntos.

O optimismo e o pessimismo, meu caro amigo, são como panaceias para adivinhos e editorialistas. As imagens do futuro que a humanidade desenha para si mesma, tanto as utopias positivas quanto as negativas, nunca foram isentas de ambiguidades. A ideia do milénio, de *La Città del Sole*, nunca foi o sonho plácido de uma terra de abundância; teve sempre os seus elementos de medo, pânico, terror e destruição. E a fantasia apocalíptica, por outro lado, não produz apenas imagens de decadência e desespero. Também contém, inseparavelmente ligada ao terror, a exigência de vingança, de justiça, impulsos de alívio e de esperança.

Os fariseus, aqueles que sempre sabem o que é melhor, querem convencer-nos de que o mundo voltaria a ficar bem se as «forças progressistas» fossem implacáveis com as fantasias das pessoas, se estivessem, elas próprias, sentadas

no Comité Central e se as imagens de desgraça pudessem ser proibidas por decreto do partido. Recusam-se a entender que somos nós próprios que produzimos essas imagens e que, por corresponderem às nossas experiências, desejos e medos, nos apegamos a elas: na estrada que liga Frankfurt a Bona, em frente a um ecrã de televisão que mostra que estamos em guerra, debaixo de helicópteros, nos corredores de clínicas, locais de trabalho e prisões — porque, numa palavra, essas imagens são, nesse sentido, realistas.

Não preciso de o tranquilizar, caro Baltasar, dizendo-lhe que sei tão pouco sobre o futuro quanto você. Escrevo-lhe porque não o considero entre os arquivistas e revisores do espírito do mundo. O que desejo para si, assim como para mim e para todos nós, é um pouco mais de clareza sobre a nossa própria confusão, um pouco menos de medo do nosso próprio medo, e um pouco mais de atenção, respeito e modéstia face ao desconhecido. Poderemos, desse modo, tentar ver um pouco mais além.

O seu, H.M.E.

AH!
Associação Mural Sonoro
Cç. Santana, 169
1150-303 Lisboa